



arquetípica

**Entre zumbis e esqueletos:  
Cuidados com a alma em tempos de caos**

Lucas Vaz

*Colaboração de Victor Palomo e Bráulio Porto*

Publicado online em 05 de março de 2021

**[www.arquetipica.com.br](http://www.arquetipica.com.br)**

# Entre zumbis e esqueletos: Cuidados com a alma em tempos de caos

Lucas Vaz

*Colaboração de Victor Palomo e Bráulio Porto*

## A alma ancestral

A alma é essa coisa que nos pergunta se a alma existe.

(QUINTANA, 1983, p. 315)

A emergência da pandemia da Covid-19 trouxe um conjunto de mudanças nas vidas individuais cuja compreensão ainda se mostra incompleta. Enquanto as eventuais transformações na política e economia dos países são discutidas de maneira titubeante, além das suas prioridades com relação ao papel da ciência e os novos modelos para o trabalho, o impacto psicológico do distanciamento social é uma realidade dolorosa da qual não podemos escapar. Mas, afinal de contas, o que é a psique? Ela também tem uma lógica? Quais são as suas versões exploradas pela psicologia? Estas questões estabelecem um ponto de partida para a definição do tipo de compreensão que gostaríamos de explorar sobre o *logos*<sup>1</sup> da psique, reconhecendo ao mesmo tempo a existência de outras possibilidades e aproximações a este fenômeno humano tão fascinante.

Seguindo uma linha de autores que remontam à filosofia alemã do século XIX e sua noção de inconsciente (SHAMDASANI, 2014, p. 27), o trabalho do psiquiatra suíço Carl Gustav Jung se consolidou como uma das bases do campo da psicologia profunda, nas assim chamadas teorias da psicanálise. Em sua obra extensa, ele procurou descrever a psique em termos de suas bases ancestrais, seus padrões de expressão

---

<sup>1</sup> Com o termo *logos*, queremos enfatizar o significado da palavra psicologia como discurso, narrativa ou expressão da psique.

e sua percepção empírica. Jung também se debruçou sobre um problema coletivo que observava em seus pacientes: a dissociação mental tão semelhante à descrição da “perda da alma”. Suas descobertas deixaram como legado a abordagem terapêutica denominada psicologia analítica ou psicanálise junguiana.

Em linhas gerais, Jung considera que “psique é imagem” (JUNG, 2014, CW13, § 75) e que “todo processo psíquico é uma imagem e um imaginar” (JUNG, 2014, CW11, § 889). Tem-se aí um dos pontos axiais de sua teoria, noção na qual a imaginação é alçada a fundamento da realidade consciente, ao mesmo tempo em que se entrevê a fantasia como ordenadora singular da atividade psíquica (JUNG, 2014, CW6, § 73). Portanto, nesse panorama, qualquer cura psicológica passaria pela recuperação da capacidade de imaginar, com o encontro em direção das imagens que nos constituem (HILLMAN, 2010).

O desdobramento desta concepção nas últimas décadas promoveu uma óptica psicológica que colocou a imagem no seu centro, um aprofundamento na forma de se fazer psicologia pós-junguiana batizada de psicologia arquetípica, especialmente a partir do trabalho de James Hillman, Patricia Berry e Rafael López-Pedraza (SAMUELS, 1989, p. 285). Esses autores também adotaram o conceito de *alma*, do latim *anima*, cuja versão grega seria *Ψυχη*, ou *psique*, utilizando ambos os vocábulos como sinônimos. No entanto, deixaram muito claro que neste contexto a alma seria apreciada “como uma perspectiva, ao contrário de uma substância, um ponto de vista sobre as coisas, mais do que uma coisa em si” (HILLMAN, 1991, p. 40).

A definição de alma nesses termos – como horizonte, e não objeto – permitiu à psicologia arquetípica escapar dos sombrios labirintos conceituais, filosóficos e religiosos associados às manifestações mobilizadoras da palavra. Afinal, quando interpretada como um ente, ficaria difícil diferenciá-la de categorias como o espírito, cuja disciplina de estudo definitivamente não é psicológica<sup>2</sup>. A ênfase na ideia de alma como

---

<sup>2</sup> “Para que a psicologia seja possível é preciso que se mantenha a diferença entre alma e espírito. [...] Ao reconhecer que a perspectiva do espírito deve situar-se em posição superior (como a alma situa-se em posição inferior) e deve falar em termos transcendentais, fundamentais e puros, a psicologia arquetípica concebe como sua tarefa imaginar a linguagem espiritual da ‘verdade’ da ‘fé’, da ‘lei’, e assim por diante, como uma retórica do espírito, mesmo que o espírito seja obrigado, por essa mesma retórica, a tomar sua posição verdadeira e fielmente, isto é, literalmente” (HILLMAN, 1991, p. 52-53).

metáfora de um sentido de interioridade acabaria por englobar os mais diversos campos de experiência, incluindo não somente aquilo que julgamos ocorrer em nós mesmos, mas também suas manifestações no coletivo e no mundo.

No âmbito do indivíduo, esta noção convidou ao envolvimento com o afeto e a reflexão psíquica, abrindo espaço para uma relação mais complexa e diversa com as ideias e emoções que nos perpassam diariamente. Passamos a questionar se somos nós que temos tais ideias e emoções ou se são elas *que nos têm*. Assim, a posse do intelecto e o controle dos sentimentos ganham uma nova versão, retirando do sujeito o seu protagonismo. Diante de tal submissão, enfrentamos o risco de ou nos estagnamos ou nos tornarmos vítimas inocentes e impotentes da psique; por isso a atenção fundamental na criação de um espaço de diálogo e resiliência em relação a estas manifestações psicológicas.

No que tange à esfera coletiva, a revitalização do papel da imaginação como substrato do real conduziu à revalorização do pensamento mitológico. Contudo, nesse caso “os mitos são compreendidos como metáforas – nunca como metafísica transcendental cujas categorias são figuras divinas” (HILLMAN, 1991, p. 44). Os temas da vida passam a ser vistos como organizados em padrões lógicos atemporais, o que anteriormente era nomeado como *deuses*, entendidos de modo metafórico como núcleos de fantasia da psique (BARCELLOS, 2019, p. 9-10).

Ao tratar essas formas arquetípicas de maneira menos idealizada, em seu caráter imanente e imperfeito, este pensamento encaminhou de forma conseqüente o exame da matéria em termos de seus padrões inerentes de patologia. Esta relação enfatiza uma leitura psicopatológica das fantasias expressas no comportamento, como evidencia a observação de Jung:

Abandonamos, no entanto, apenas os espectros verbais, *não os fatos psíquicos responsáveis pelo nascimento dos deuses*. Ainda estamos tão possuídos pelos conteúdos psíquicos autônomos, como se estes fossem deuses. Atualmente, eles são chamados: fobias, compulsões, e assim por diante; numa palavra, sintomas neuróticos. Os deuses tornaram-se doenças. Zeus não governa mais o Olimpo, mas o plexo solar e produz espécimes curiosos que visitam o

consultório médico; também perturba os miolos dos políticos e jornalistas, que desencadeiam pelo mundo verdadeiras epidemias psíquicas (JUNG, 2014, CW13, § 54).

Ao recuperar o fundo mítico da psique e a sua dominância na consciência humana, representados por seu caráter patológico, citações clássicas como essa ganham uma atualidade inesperada. Diante da humanidade desafiada por uma pandemia, paralisada frente à ameaça da morte, outros questionamentos vão sendo suscitados: o planeta não será mais como antes? Desde quando ele está doente? Estamos em tempos de caos?

### **Filhos do Caos**

O caos é uma ordem por decifrar.

(SARAMAGO, 2008, p. 90)

A menção à palavra caos evoca uma série de imagens: anarquia, desordem, confusão, desarmonia. Em geral, são termos que sugerem uma atmosfera negativa, noturna e patológica. Ao recuperarmos o sentido original do vocábulo na estrutura da mítica grega, encontramos um conjunto semelhante de ideias:

No início de tudo, o que primeiro existiu foi Abismo: os gregos dizem *Kháos*. O que é o Caos? É um vazio, um vazio escuro onde não se distingue nada. Espaço de queda, vertigem e confusão, sem fim, sem fundo. Somos apanhados por esse Abismo como por uma boca imensa e aberta que tudo tragasse numa mesma noite indistinta (VERNANT, 2000, p. 17).

Em ressonância com o espírito de épocas distantes, o desmoronamento da ordem estabelecida provocado pela pandemia indaga se realmente sabíamos com clareza o lugar em que anteriormente ocupávamos. Inundados por um fluxo ilimitado de informações – que infelizmente não satisfazem –, perdidos na imensidão de uma sociedade global – extremamente desumanizada –, parecíamos já estar conformados com identidades e sentidos fragmentados.

Nessa direção, podemos supor que o vírus não trouxe o caos, mas apenas o deixou mais evidente, notando sua proliferação no decadente “corpo social”. Isso aproximaria a crise atual das raízes do que foi citado como um dos interesses da psicanálise junguiana, que é a perda da alma do homem contemporâneo. Aqui, a importância é perceber que esta patologia se caracteriza fundamentalmente como um alheamento da consciência dos outros elementos que compõem a psique.

Jung considerou que a energia psíquica coletiva acolhida pelas estruturas religiosas não foi totalmente contida, mas apenas passou a se revelar de outras formas, como nos transtornos psiquiátricos e desequilíbrios emocionais. Se consideramos que suas observações não perderam a pertinência no cenário atual, observaremos que tal atividade continua se manifestando de maneira desordenada, tendo o chamado para uma tomada de consciência se mantido na pauta das urgências sociais.

Os mitos de origem, mais do que uma descrição literal da criação do universo material, estariam precisamente tratando do nascimento desta consciência sobre o mundo. Das divindades primordiais, Caos é a primeira, na medida de um princípio de separação e diferenciação; o pano de fundo do não-ser, que permitiu o discernimento – e a dor – da consciência quanto à manifestação dos *deuses* no universo vivido, ou seja, das fantasias na dimensão da psique.

Tudo o que provém de Kháos pertence à esfera do não-ser; todos os seus filhos, netos e bisnetos (exceto Éter e Dia) são potências tenebrosas, são forças de negação da vida e da ordem. Seus filhos são Érebus e Noite. Érebus é uma espécie de antecâmara do Tártaro e do reino do que é morto. Noite, após parir Éter e Dia, unida a Érebus em amor, procria por cissiparidade as forças da debilitação, da penúria, da dor, do esquecimento, do enfraquecimento, da aniquilação, da desordem, do tormento, do engano, da desapareção e da morte – em suma, tudo o que tem a marca do Não-Ser. Estas potências negativas, toda a linhagem de Kháos, são geradas por cissiparidade (TORRANO, 1995, p. 35).

A descrição das divindades que nascem de Caos anuncia uma espécie de *pandemônio*, onde cada uma dessas personagens incorpora temas que envolvem o terror e o medo. A intensidade como são descritas ressalta sua qualidade patológica e o fato de dotarem de considerável potencial de energia. Se vistas como expressão de

conteúdos psicológicos, poderiam ser associadas a núcleos de grande carga, denominados por Jung de “complexos”<sup>3</sup>.

A pesquisa empreendida por Jung sobre este tema motivou sua aproximação com Sigmund Freud, pela maneira como percebeu o potencial autônomo de tais conteúdos, chegando a escrever que eles se comportavam como “seres independentes” ou “psiques parciais” (JUNG, 2014, CW8, § 253 e 202). Pode-se creditar a ele também o estabelecimento de um método para lidar com esse tipo de material inconsciente, advindo a partir do instante de rompimento da sua colaboração com Freud, ocorrido alguns anos depois. Hillman descreve esse instante crítico em sua vida e pensamento:

Ele estava sendo inundado por “uma torrente incessante de fantasias”, uma “multiplicidade de conteúdos e imagens psíquicas”. Para dar conta das tempestades de emoção, escreveu suas fantasias e deixou que as tempestades se transpusessem em imagens. [...] Nesse momento de sua vida, Jung estava espiritualmente só. Mas, nesse isolamento, não se voltou a nenhum grupo novo nem a uma religião organizada, ao refúgio em uma psicose ou à segurança das atividades convencionais, trabalho ou família – voltou-se às suas imagens (HILLMAN, 2010, p. 87-88).

Desse modo, a experiência devastadora de um caos interno não teve como rede de proteção o resgate inocente de instituições religiosas ou correntes espiritualistas que trariam tanto a salvação pessoal quanto da humanidade. O diálogo com um conjunto predominantemente inconsciente, cuja linguagem se baseava em imagens das quais a psique é constituída, promoveu o restabelecimento de um estado de saúde mental. O reconhecimento da existência de uma dinâmica não-consciente capaz de perceber, avaliar e agir de maneira autônoma, permitiu a participação da consciência em sua influência no próprio destino.

A replicação desta atitude frente à psique continua acessível para aqueles que se engajam em processos de análise nos vários cantos do globo. Porém, o que dizer

---

<sup>3</sup> “Um complexo é uma reunião de imagens e ideias, conglomeradas em torno de um núcleo derivado de um ou mais arquétipos, e caracterizadas por uma tonalidade emocional comum. Quando entram em ação (tornam-se ‘constelados’), os complexos contribuem para o comportamento e são marcados pelo afeto, quer uma pessoa esteja ou não consciente deles” (SAMUELS, SHORTER, PLAUT, 1988, p. 49-50).

da grande maioria dos indivíduos que simplesmente são “possuídos” por esses conteúdos?

### **Zumbis: os corpos sem alma**

Subita mão de algum phantasma oculto  
Entre as dobras da noite e do meu somno  
Saccode-me e eu acordo, e no abandono  
Da noite não enxergo gesto ou vulto.

Mas um terror antigo, que insepulto  
Trago no coração, como de um throno  
Desce e se afirma meu senhor e dono  
Sem ordem, sem meneio e sem insulto.

E eu sinto a minha vida de repente  
Presa por uma corda de Inconsciente  
A qualquer mão nocturna que me guia.

Sinto que sou ninguém salvo uma sombra  
De um vulto que não vejo e que me assombra,  
E em nada existo como a treva fria.

14-3-1917

(PESSOA, 2005, p. 129)

A história reservou ao fenômeno da possessão diversos capítulos, em especial aqueles que envolveram sua interpretação como a submissão do indivíduo a qualquer tipo de entidade, divina ou diabólica. Os remédios lamentáveis para este tipo de patologia sempre foram amargos e violentos, envolvendo ações bárbaras como exorcismos, sacrifícios e ações de expurgo das suas vítimas. Embora a versão para um evento – que hoje, entendemos como – psicológico tenha sido notadamente determinada



pelo espírito do tempo, com as mais distintas manifestações e expressões em outras épocas, sua fenomenologia não parece ser fundamentalmente diferente.

Compreendendo a cultura popular como uma forma de manifestação da fantasia e suas imagens relevantes quanto às dinâmicas inconscientes contemporâneas, encontramos hoje um planeta conectado em que certas personagens passam a representar elementos psíquicos do coletivo. A relação da humanidade com uma cultura de massa homogênea viria a espelhar isso.

Por sua potência, o cinema e a cultura pop – com as multidões que mobilizam, as imagens que oferecem e as constelações de significantes que colocam em movimento – não são algo que possamos desprezar ao nos debruçarmos sobre a constituição do sujeito contemporâneo. [...] o que as produções culturais contemporâneas, especialmente as obras cinematográficas, têm a dizer sobre os sujeitos de nosso tempo? Nossa aposta é que, na contemporaneidade, a cultura pop aflora no solo tradicionalmente reservado à mitologia como enunciante da subjetivação (MANO, CORSO, WEINMANN, 2018, p.78).

Se o vínculo da psicologia arquetípica se dá de forma muito mais intensa com a cultura e a imaginação do que com a psicologia médica (BARCELLOS *in* HILLMAN, 1993, p. 7), figuras da *cultura pop* poderão gozar de uma avaliação análoga aos mitos, encaradas como fonte de imagens e narrativas. A consolidação do terror como gênero literário desde o romantismo, em uma espécie de contraponto ao racionalismo, dá indícios da nossa necessidade por imagens patologizadas como ponte de mediação do contato com a realidade. Esta é uma linha que daria continuidade às narrativas mitológicas e religiosas, costumeiramente banhadas em “sangue e lágrimas”.

A experiência patológica confere um indelével sentido de alma, diferentemente daquele que pode ser dado através do amor, ou da beleza, da natureza, da comunidade ou da religião. O “fazer alma” da patologia possui seu distinto sabor, sua salinidade, seu amargor; sua “esfoladura”, “ferida” e “sangramento” tornam-nos torturadamente sensíveis aos movimentos da psique. A patologia produz uma consciência de alma intensamente focada, como quando se suporá uma dor sintomática – sobriamente, humildemente, cegamente. Ela dá ao herói uma pequena fisgada no calcanhar, aquele ponto fraco que relembra ao ego a morte, a alma (HILLMAN, 2010a, p. 221).

O cenário apocalíptico e os riscos de contágio trazidos pela pandemia imediatamente nos levam a destacar uma personagem que é retratada nesse contexto: a figura do *zumbi*. O histórico desta representação remonta à uma lenda haitiana do início do século XX, cujo primeiro relato no ocidente se deu na obra “The Magic Island” de Willian Seabrook. Jornalista e escritor de renome, especializado em ocultismo e culturas ‘excêntricas’, ele descreve assim seu primeiro encontro com esses seres:

A mulher era uma negra alta, de rosto inexpressível, e olhou-me sem benevolência. Minha impressão dos três zumbis, que continuavam a trabalhar, foi a de que eles tinham realmente alguma coisa de estranho. Seus gestos eram de autômatos. [...] O mais horrível era o olhar. Os olhos estavam mortos, como se fossem cegos, desprovidos de expressão. Não eram olhos de um cego, mas de um morto. Todo o semblante era inexpressivo, incapaz de expressar-se (SEABROOK *in* PENHA, GONSALVES, 2018, p. 84).

Esta impressão inicial apresenta o zumbi em sua característica fundamental: a ausência do desejo ou consciência própria; um morto-vivo (ressuscitado por um feiticeiro) para cumprir propósitos funcionais como empregado em plantações de cana-de-açúcar. As associações históricas com a colonização – simbolizada pela monocultura da cana-de-açúcar – e a escravidão – com a definitiva perda da liberdade – são inevitáveis, repercutindo complexos culturais ainda presentes em países do hemisfério sul.

A representação do zumbi percorre o século XX, em conjunto com um sentimento de colapso civilizatório que acompanha paradoxalmente todo o avanço tecnológico que vivemos nesse período. Fenômeno digno de nota, sua popularização tem como marco cultural o lançamento do filme de George Romero *A Noite dos Mortos-Vivos*, de 1968. Essa produção de terror independente, rodada em preto-e-branco, conta o caso de um grupo de pessoas que lutam pela sua sobrevivência durante uma noite em que são perseguidas por mortos misteriosamente reanimados.

Os zumbis retratados, além de suas características de mortos-vivos ou corpos funcionais sem consciência, também acabam associados ao canibalismo e à agressividade, em uma realidade catastrófica de desestruturação social. Uma das marcas

mais impactantes referentes a este espetáculo caótico se dá nas tensões e conflitos experienciados pelos sobreviventes, capazes de serem tão ou mais violentos e desumanizados que os próprios zumbis. Essa imagem nos parece aquela que teria sido a mais próspera, basicamente a inspiração para variações sobre o tema em outros formatos.

Além do sucesso da película de Romero e suas sequências, a continuidade dessa temática tem ocorrido de maneira sensível nos últimos anos, o que pode ser medido de acordo com o seu impacto midiático. *Thriller*, do artista norte-americano Michael Jackson, álbum de 1982 cuja faixa homônima trazia um *clipe* com a coreografia de zumbis, continua a figurar entre os álbuns mais vendidos da história, com estimadas 66 milhões de cópias vendidas. A série *The Walking Dead*, presente em 120 países, chegando esse ano à sua décima temporada, alimenta uma significância popular tão grande que a metáfora de um apocalipse zumbi foi utilizada pelos *Centers for Disease Control and Prevention* (CDC) nos Estados Unidos para promover educação em saúde pública diante de uma crise sanitária de proporções mundiais.

Portanto, uma perspectiva psicológica pode imaginar as reverberações dessa figura em nossa dinâmica psíquica como a representação de uma ameaça constante de *zumbificação*. Afinal, estaríamos à mercê de complexos psicológicos autônomos sempre prontos a nos persuadir, controlando a consciência e nos tirando a liberdade de pensar e sentir.

[...] acreditamo-nos racionalistas de uma modernidade tardia que encampou, de forma geral, o cientificismo, o tecnicismo e a razão como premissa e meta de seu projeto de humanidade. Ao mesmo tempo supomo-nos (ou desejamo-nos) livres das más influências do pensamento mágico, do dogmatismo religioso, da superstição e da crença. Porém, o tempo do mito não acabou, já que seguimos sendo contados por ficções que nos constituem, embora o caráter dessas narrativas se encontre atravessado pela racionalidade, que despreza aquilo que não segue seus padrões de verdade (MANO, CORSO, WEINMANN, 2018, p. 84).

O estado de (in)consciência trazido pela emergência da pandemia do Sars-CoV 2, tendo como combustível o medo e o pânico de um tipo de ameaça invisível, torna a psique individual bastante vulnerável à possessão. O afloramento destes sentimentos

básicos e instintivos atua como uma espécie de *solvente* do ego – considerado como centro da consciência e responsável pela identidade pessoal, noção de tempo, teste da realidade (SAMUELS, SHORTER, PLAUT, 1988, p. 65) –, que perde o seu lugar e status para outros complexos. Acuado frente à peste e roubado de sua autonomia, o sujeito experimenta o agravamento do fenômeno da perda da alma, tanto por se ver isolado de suas múltiplas imagens psíquicas quanto pela perspectiva rígida e unilateral imposta por um tipo de “psique parcial”.

Nesta condição, a consciência se encontra exposta a variadas e nocivas influências. A patologia pode se instalar como um estado paranoico, obsessivo, esquizofrênico, depressivo, ao estilo da neurose do indivíduo, sem qualquer autocrítica. Aditivada por um ambiente de polarização política e fragilidade econômica, a doença moldaria a consciência também com base nos influxos ideológicos externos, que catalisam cenários psíquicos especialmente familiares como resposta às questões que afligem grande parcela da população. Este último caso ainda guarda um componente extra, que é a ameaça de uma personalidade possuída passar a *zumbificar* o outro, desintegrando a alma alheia com as suas próprias projeções. Tal condição, infelizmente, parece ser a tônica da maioria dos debates contemporâneos sobre como lidar com a pandemia no nosso país.

Um movimento psicológico que implica na fuga do contato ativo com o mundo das imagens também envolve o distanciamento do lado escuro da alma, com suas sombras e a relação essencial com a morte, criando uma ação de evitação *epidérmica* onde a única decisão razoável parece ser a de se proteger em sua própria casa, nos moldes de um apocalipse zumbi. O encaminhamento para os porões das residências, tão caros ao imaginário dos filmes como abrigos para se socorrer de tais criaturas, poderia simbolicamente ser mais do que a busca por proteção. Em seu sentido de aprofundamento, mostraria que a direção para lidar com esta possessão é justamente a de penetrar mais fundo na vida, e porquê não, na psique.

## Em busca dos esqueletos

### 1. O Enterro dos Mortos

[...]

Que raízes são essas que se arraigam, que ramos se esgalham

Nessa imundície pedregosa? Filho do homem,

Não podes dizer, ou sequer estimas, porque apenas conheces

Um feixe de imagens fraturadas, batidas pelo sol,

E as árvores mortas já não mais te abrigam, nem te consola o

canto dos grilos,

E nenhum rumor de água a latejar na pedra seca. Apenas

Uma sombra medra sob esta rocha escarlate.

(Chega-te à sombra desta rocha escarlate),

E vou mostrar-te algo distinto

De tua sombra a caminhar atrás de ti quando amanhece

Ou de tua sombra vespertina ao teu encontro se elevando;

Vou revelar-te o que é o medo num punhado de pó.

[...]

(ELIOT, 1981, p. 89-90)

Se o rumo escolhido pela alma diante de uma ameaça zumbi, simbolizada por uma pandemia de automatismos superficiais, nos encaminha em direção às imagens que nos assombram, então o lugar que devemos chegar demandaria uma busca das vertentes do sofrimento, com a observação resiliente de certa dissolução da existência. Tal destino seria o continente dos mortos, cuja direção é de descida e aprofundamento, não no rumo de um subterrâneo concreto, mas do espectro invisível da psique; aí, as sombras ancestrais nos oferecem a estrutura sobre a qual caminhamos, passo a passo, imperceptivelmente guiados por sonhos e fantasias.

A explosão global da Covid-19 nos colocou coletivamente em alerta, com o perigo batendo às nossas portas. O vírus emoldura e atualiza a morte, o grande medo primordial, retirando-a de seu trabalho contínuo e silencioso, a *coroando* em um

grande púlpito que aterroriza e subjuga o mundo. Assim que o instinto de sobrevivência é alertado, buscamos a nossa proteção e também a das pessoas que nos despertam preocupação e solidariedade, o que pode variar muito em grau, dependendo das circunstâncias psíquicas.

Não sabemos como reagir diante desta realidade. Desespero e negação são as condições que se apresentam espontaneamente, contudo talvez devêssemos utilizar atitudes mais elaboradas que permitissem que a presença da morte em nossa psique fosse tolerável, para que pudéssemos *dialogar* com ela, contemporizando os reflexos despertados pelo medo. Qual seria a sua aparência? Podemos encará-la, ou apenas meditar humildemente em sua presença, com os olhos baixos? Como foram nossos encontros e alterações em outros momentos da vida, quando nos sentimos ameaçados ou perdemos entes queridos?

Há muito tempo convivemos com uma crescente dificuldade diante da experiência da finitude na cultura ocidental, demonstrada pela negligência com nossos rituais de passagem e os cuidados necessários aos doentes terminais nesse instante especial. Uma tendência a fugir do envelhecimento, inebriada por ilusões pueris ou presa em compulsões hedonistas superficiais que só aumentam a angústia da existência, à medida que as imagens e fantasias do termo se aproximam (KOVÁCS, 2008). Esta desestrutura tem sido escancarada pela pandemia, reforçada pela justificativa biológica para o isolamento dos pacientes graves e o descarte dos corpos, tornando ainda mais terrível a situação das pessoas acometidas gravemente pela enfermidade. Há ainda o impacto no processo de luto dos familiares e também o estresse dos profissionais de saúde, que testemunham a situação de desamparo daqueles que se dirigem ao seu epílogo de uma maneira tão indigna.

Aqui, não se trata de negar a importância de toda a mobilização pela defesa da vida, com suas ações fundamentais na proteção da saúde da população, mas dirigir o nosso olhar para o potencial de reflexão psicológica trazido pelo tensionamento desta situação, pois o vírus acaba por oferecer uma via para a revisão da nossa relação com a perspectiva da não-existência, tão renegada e reprimida. Embora várias tradições filosóficas e religiosas estabeleçam uma relação íntima da alma com a morte, nos in-

teressa a ideia de que essa afinidade permanece especialmente em uma dimensão psicológica na qual sua consciência estaria ligada com as origens da nossa capacidade de imaginação, da criação de um lugar além da vida que pode ser observado na presença de rituais funerários entre os mais antigos registros arqueológicos (LEAKEY, 1997). O cultivo desta relação com os mortos privilegia o espaço da imaginação na psique, retratando algo considerado como uma das características mais profunda e especificamente humanas, de acordo com Hillman:

Como muitos já disseram, não só a religião começa com uma reflexão sobre a morte; também a psicologia, pois é em face da morte que ponderamos, vamos fundo e sentimos alma, e então construímos nossas fantasias para abrigá-la, quer sejam as antigas pirâmides e sepulcros da religião, ou os rituais e sistemas da moderna psicologia (HILLMAN, 2013, p. 112).

Não nos deteremos no ponto fundamental dos cuidados com o luto pelo desejo de levantar mais algumas questões sobre as intrincadas relações entre a morte, a alma e a vida. Existiria o risco de se descuidar da alma na ânsia de preservar a vida? Pelo medo da morte, poderíamos deixar de viver? Uma figura sombria nos convida para conhecer os caminhos da alma, diante do espelho onde nos vimos zumbis, em uma viagem para além do enquadramento das ações rotineiras, sejam elas impostas por nossas necessidades de sobrevivência ou pelas fórmulas narrativas bombardeadas nas diversas mídias. Neste sentido, nos interessam mais as fantasias que a morte nos desperta do que o fato inegável de sua existência, pois é a sua imagem que move a alma.

Assim, seguimos a geografia psíquica proposta por Jung. Em seu *Red Book*<sup>4</sup> – espécie de diário ilustrado produzido durante o período descrito por ele como de “confronto com o inconsciente” (JUNG, 1987) –, publicação de pouco mais de uma década que trouxe uma re-visão das origens da psicologia analítica, o relato se inicia na jornada solitária de um homem que perdeu a sua alma. Para reencontrá-la, ele se lança no

---

<sup>4</sup> “Esse trabalho é o ‘livro dos mortos’ de Jung. É sua descida ao mundo das trevas, na qual há uma tentativa de se encontrar um caminho para se relacionar com os mortos. Ele chega à conclusão de que, a menos que possamos chegar a um acordo com os mortos, simplesmente não podemos viver, e que nossa vida depende de encontrarmos respostas para suas questões não respondidas” (HILLMAN, SHAMDASANI, 2015, p. 4).

– espécie de diário ilustrado produzido durante o período descrito por ele como de “confronto com o inconsciente” (JUNG, 1987) –, publicação de pouco mais de uma década que trouxe uma re-visão das origens da psicologia analítica, o relato se inicia na jornada solitária de um homem que perdeu a sua alma. Para reencontrá-la, ele se lança no fluxo de imagens que encontrava nesse hemisfério de penumbra da psique, buscando sentidos no meio do caos, em uma descida aos moldes de um *Nekyia*<sup>5</sup>.

Ao buscarmos esse diálogo, a alegoria do *esqueleto* se manifesta, suporte para o orgânico emaranhado da vida, mas também o seu último vestígio: testemunho da origem e do destino que compartilhamos. Em um primeiro relance, ao nos identificarmos com o futuro de decomposição que se avizinha, podemos sentir “geladas as nossas espinhas”. Contudo, suportando o terror da imagem dessa inescapável fatalidade, nos atentando para seu olhar que vaga enigmático em sombrias órbitas, vislumbramos a possibilidade de novas perspectivas sobre a vida do rico universo imaginal apresentado, pois como colocado por Heráclito os “limites de alma não os encontrarias, todo caminho percorrendo; tão profundo logos ela tem” (PRÉ-SOCRÁTICOS, 1999, p. 92, Frag. 45).

Os esqueletos nos guiam na linha dos nossos antepassados por um caminho que atravessa todas as nossas ligações pessoais prévias. Seguindo esta trilha, nos deparamos com 2 pais, 4 avós, 8 bisavós, 16 tataravós e assim por diante, em progressão geométrica, invertendo a egocêntrica árvore genealógica para a forma de um amplo rizoma ancestral. Nos descobrimos como um ponto na superfície dessa malha humana, cuja profundidade atravessa milênios. É interessante refletir sobre o quanto todos esses mortos, de uma perspectiva psicológica, ainda estão presentes em nossas vidas, fornecendo a energia das imagens que nos nutrem e pelas quais vivemos como efêmeras frutificações.

Ao sermos convidados para nos aprofundar nessas redes de almas, aquém da superficialidade concreta e rumo ao mundo das trevas, os esqueletos se transfiguram e assumem diferentes formas e personificações para expressar os conteúdos da

---

<sup>5</sup> “O mito do *Nekyia* encontra-se em toda a antiguidade e praticamente no mundo todo. Expressa o mecanismo da introversão da mente, do consciente em direção às camadas mais profundas da psique inconsciente” (JUNG, 2014, CW18, § 80).



psique ancestral. São os mensageiros dos mortos, dialogando com as vozes de todos os tempos, dinâmicas arquetípicas inconscientes que se entrelaçam às raízes da nossa humanidade, podendo ser ligadas de diferentes maneiras, não apenas em sonhos e mitos, mas também na história das ideias e das artes, em qualquer tipo de fantasia, desde que estejamos atentos à sua maneira peculiar de se expressar.

Na miríade de produções da cultura e da imaginação que buscam esse diálogo com o lado obscuro, permanecemos unidos à essa figura, que representa o potencial de abertura para o movimento em direção aos inferos. No caso da mitologia grega, uma de suas representações seria Caronte, o esqueleto barqueiro, único ser capaz de cruzar o mítico rio Estige, que estabelece a fronteira com o reino dos mortos. É uma personagem que solicita o abandono da nossa linguagem concreta usual, substancial, em favor do discurso imagético da alma, e assim como um *psicopompo*<sup>6</sup> nos acompanha na direção da dimensão dos mortos. Contudo, a travessia não é feita apenas por meio de uma pedagogia da história, um exercício de memorialismo; ela tem o significado de aprofundamento e envolvimento com *as estórias*, não se interessando pelas melhores respostas ou versões, pois o que realmente importa é a busca de sentidos de vida no diálogo com o mundo invisível. Portanto, não se constituindo como uma abstração em termos de conteúdos filosóficos, esta passagem se move no curso da criação de experiência, em uma investigação sobre as possibilidades arquetípicas da alma.

O termo latino *reflexio* significa um curvar-se, inclinar-se para trás [...] A *reflexio* é um voltar-se para dentro, tendo como resultado que, em vez de uma reação instintiva, surja uma *sucessão de conteúdos ou estados*, que podemos chamar reflexão ou consideração. [...] Graças ao instinto de reflexão, o processo de excitação se transforma mais ou menos completamente em conteúdos psíquicos, isto é, torna-se uma *experiência; um processo natural transformado em um conteúdo consciente* (JUNG, 2014, CW8, § 241 e 243).

---

<sup>6</sup> O vocábulo grego *psychopompós*, junção de *psique* (alma) e *pompós* (guia), se refere à qualidade de alguns seres em transitar entre dois ou mais diferentes meios, neste caso os reinos dos vivos e dos mortos (SAMUELS, SHORTER, PLAUT, 1988, p. 174).

A reflexão desejada não pode ser confundida com um exercício de razão, por acontecer espontaneamente, seguindo a natureza da psique e sem um esforço de encaixe às regras da lógica. Conforme dito, defendemos que não é possível isolar a consciência dessa instância de fantasia, considerada como algo irracional, sob o risco da perda da alma. A razão pode construir seus muros para se defender das hordas de imagens, mas paixões e loucuras estão sempre a cercando. E elas acabam atravessando as defesas, de maneira violenta, por meio de emoções avassaladoras, ou de modo insinuoso, na forma de sentimentos irresistíveis dos quais dependem valores que dão sentido à existência. Erguer castelos mais reforçados, que não se abalam diante desse fluxo inconsciente que os aterroriza, geralmente acaba deixando o ego vulnerável: sozinho, isolado, sedento de sentido, em um universo de objetividades estéreis.

Precisamos dos mitos assim como necessitamos das estruturas orgânicas invisíveis que trabalham silenciosamente sob nossa pele, pois analogamente nosso corpo psíquico se constitui de mitos e fantasias, de crenças, de fé, de devaneios, ou seja, de histórias que organizam e conduzem nossas vidas, mesmo que isso ocorra de uma maneira triste ou brutal. Como comenta Hillman:

[...] as grandes ideias psicológicas ecoam as questões mais profundas da alma, levando-a a refletir profundamente sobre sua natureza e destino. [...] Algumas dessas ideias arquetípicas surgem da relação da alma com a morte, com o mundo e com outras almas; com seu corpo, seu gênero e geração; com virtude e pecado, com amor, beleza e sabedoria; com deuses, doença, criação e destruição; com poder, tempo, história e futuro; com a família, os antepassados e os mortos (HILLMAN, 2010a, p. 237).

Nesta perspectiva, o foco vai mais além das experiências pessoais, das memórias enterradas na infância; cavando mais fundo, buscam-se os mitologemas arcaicos e as narrativas que intermediam a nossa relação com o mundo. A profundidade não se encontra dentro do “eu”, ela se apresenta potencialmente em tudo que nos cerca, no desafio perene de dar um passo além da rede natural (e neural) de preconceitos tanto nos estruturam quanto nos aprisionam. Para Jung, esta seria a tarefa psi-

cológica, resumida na expressão *opus contra naturam*<sup>7</sup>, em que “a fantasia não é meramente um processo interior que acontece dentro da cabeça, é um modo de estar no mundo e devolver alma ao mundo” (HILLMAN, 1990, p. 95).

Ao abrir essa senda entre o superior e o inferior, além da consciência da morte que fertiliza a imaginação e as relações com as imagens e mitos dos antepassados, os esqueletos nos advertem sobre tudo o que está morto, invisível, *aqui e agora*. Uma interioridade que não se encontra no claustro do eu, mas que se apresenta potencialmente em todas as coisas e deseja ser descoberta. Sempre há algo morto nos rondando, pedindo para ser reanimado, revisto e reconsiderado; pronto para servir como nutrição à psique. A curiosidade perene, com atenção para o mistério das configurações psicológicas e a desconfiança frente a todos os tipos de conclusões e verdades. É uma abertura para acolher as imagens, cuidando assim da perda da alma.

## Referências

BARCELLOS, G. *Mitologias arquetípicas: figurações divinas e configurações humanas*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2019.

ELIOT, T. S. *Poesia - T. S. Eliot*. Tradução, introdução e notas de Ivan Junqueira. Rio de Janeiro, RJ: Nova Fronteira, 1981.

HILLMAN, J. *Anima - anatomia de uma noção personificada*. Tradução de Lúcia Rosenberg e Gustavo Barcellos. São Paulo, SP: Cultrix, 1990.

\_\_\_\_\_. *Psicologia Arquetípica - Um breve relato*. Tradução de Lúcia Rosenberg e Gustavo Barcellos. São Paulo, SP: Cultrix, 1991.

---

<sup>7</sup> A expressão latina, cujo significado é “obra contra a natureza”, se refere à importância de se considerar a tendência da psique a imaginar a vida a partir de seu caráter patológico: “É esse olho patologizado que, como o do artista e o do psicanalista, impede que os fenômenos da alma sejam inocentemente compreendidos como meramente naturais. De acordo com Jung, [...] o trabalho psicológico é um *opus contra naturam*” (HILLMAN, 1991, p. 72).

\_\_\_\_\_. *Cidade & Alma*. Tradução de Gustavo Barcellos e Lúcia Rosenberg. São Paulo, SP: Studio Nobel, 1993.

\_\_\_\_\_. *Re-vendo a psicologia*. Tradução de Gustavo Barcellos. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010a.

\_\_\_\_\_. *Ficções que curam: psicoterapia e imaginação em Freud, Jung e Adler*. Tradução de Gustavo Barcellos. Campinas, SP: Verus, 2010b.

\_\_\_\_\_. *O sonho e o mundo das trevas*. Tradução de Gustavo Barcellos. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

HILLMAN, J.; SHAMDASANI, S. *Lamento dos mortos: a psicologia depois do Livro Vermelho de Jung*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.

JUNG, C. G. *Memórias, Sonhos, Reflexões*. Reunidas e editadas por Aniela Jafé. Tradução de Dora Ferreira da Silva. Rio de Janeiro, RJ: Nova Fronteira, 1987.

\_\_\_\_\_. *Psychological Types (CW VI); Structure and Dynamics of the Psyche (CW VIII); Psychology and Religion: West and East (CW XI); Alchemical Studies (CW XIII); The Symbolic Life: Miscellaneous Writings (CW XVIII)*. In: *The Collected Works of C. G. Jung: The Complete Digital Edition (20 vols.)*. London, UK: Princeton University Press, 2014.

KOVÁCS, M. J. *Morte e existência humana: caminhos de cuidados e possibilidades de intervenção*. Rio de Janeiro, RJ: Guanabara Koogan, 2008.

LEAKEY, R. *A origem da espécie humana*. Rio de Janeiro, RJ: Rocco, 1997.

MANO, G.; CORSO, M.; WEINMANN, A. O. *Psicanálise e cultura pop: os mitos no contemporâneo*. Psicologia USP, v. 29, n. 1, p. 78-86, 2018.

PESSOA, F. *Poemas de Fernando Pessoa (1915-1920)*. Edição Crítica de Fernando Pessoa, Série Maior, Volume I, Tomo II. Lisboa, PLx: Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 2005.

PRÉ-SOCRÁTICOS, OS. *Pré-Socráticos - vida e obra*. Coleção os pensadores. São Paulo, SP: Nova Fronteira, 1999.

QUINTANA, M. *Caderno H*. São Paulo, SP: Globo Livros, 1983.

SAMUELS, A. *Jung e os pós-junguianos*. Rio de Janeiro, RJ: Imago, 1989.

SAMUELS, A.; SHORTER, B.; PLAUT, F. *Dicionário crítico de análise junguiana*. Rio de Janeiro, RJ: Imago, 1988.

SARAMAGO, J. *O homem duplicado*. São Paulo, SP: Companhia das Letras, 2008.

SHAMDASANI, S. C.G. *Jung: uma biografia em livros*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

TORRANO, J. Hesíodo - *Teogonia: a origem dos deuses*. São Paulo, SP: Iluminuras, 1995.

VERNANT, J. P. *O universo, os deuses, os homens*. São Paulo, SP: Companhia das Letras, 2000.

A **Arquetípica** faz todos os esforços para garantir a exatidão das informações contidas nas publicações de nossa plataforma. No entanto, nós não damos nenhuma declaração nem garantia quanto à precisão, integridade ou adequação para quaisquer fins deste conteúdo. Todas as opiniões e pontos de vista expressos nesta publicação são de responsabilidade dos autores, não sendo os pontos de vista endossados pela Arquetípica, e portanto não somos responsáveis por quaisquer perdas, ações, reclamações, processos, demandas, custos, despesas, danos e outros passivos em relação a ou resultantes da utilização deste conteúdo. Este artigo pode ser utilizado para fins de pesquisa, ensino e uso privado. Qualquer reprodução substancial ou sistemática, redistribuição, revenda, sub-licenciamento ou a publicação em outro website é expressamente proibida.